

ENTRE A SACRALIDADE DA CARNE E AS HERESIAS DA PALAVRA: O TUPOR DE EROS NA CONSTÍSTICA CLARICEANA

BETWEEN THE SACREDNESS OF MEAT AND THE HERESIAS OF THE WORD: THE TUPOR OF EROS IN THE CONSTANT CLARICEANA

Guilherme Ewerton Alves de Assis¹

RESUMO: Nas calendas da mitologia grega, Eros se apaixona pela mortal Psiquê, e ambos passam a ter noites voluptuosas, entremeados por um erotismo sagrado, ligados pela linha tênue do mortal-imortal. Por esse viés, o universo literário veleja pelos mares inavegáveis da sociedade, pelas águas do sagrado e do profano, desvelando, assim, anseios prementes no inconsciente humano, todavia soterrados na arcádia psíquica. Longe do preâmbulo mitológico, é factível que, nos escritos lispectorianos, o envelope quebradiço que envolve certas personagens, revestindo-as de pureza e ingenuidade, é esfacelado por fantasias viscerais, as quais estreitam os signos e, por conseguinte, estrangulam a tentativa inócua de beatice. Nesse corolário, desfilar-nos-emos pelos sulcos dicotômicos que se irrompem na diegese clariceana, sobretudo no compilado contístico *A via crucis do corpo* (1974), fixando-se na (im)compatibilidade entre o enclaustro moralista e a potência do desejo. No intercurso transcendental de Miss Algrave, intentamos compreender a dialética subjetiva entre o atroz desejo de Eros e a turbulenta harmonia de Ártemis - ora velados ora em erupção -, rivais da (i)moralidade dogmatizante que coata, irroga e recalca a pulsão. Para isso, recorreremos aos escritos psicanalíticos acerca do erotismo, virgindade, desejo e, por fim, religião.

PALAVRAS-CHAVES: Literatura feminina; Erotismo; Psicanálise; Religião.

ABSTRACT: In the calendas of Greek mythology, Eros falls in love with the mortal Psyche, and both begin to have voluptuous nights, intertwined by sacred eroticism, linked by the fine line of the mortal-immortal. By this bias, the literary universe sails through the unenviable seas of society, the waters of the sacred and the profane, thus unforging pressing longings in the human unconscious, yet buried in psychic archaea. Far from the mythological preamble, it is feasible that, in lispectoian writings, the brittle envelope that surrounds certain characters, coating them on purity and ingenuity, is shaded by visceral fantasies, which narrow the signs and, consequently, strangle the innocuous attempt of beatice. In this corollary, we will parade through the dichotomous grooves that erupt in claricean diegese, especially in the contistic

¹ Graduando em Letras - português pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) guilhermeewerton10000@gmail.com ; <http://lattes.cnpq.br/8606450392344888>

compile A via crucis of the body (1974), fixating on the (im)compatibility between the moralistic cloister and the power of desire. In The Transcendental intercourse of Miss Algrave, we attempt to understand the subjective dialectic between Eros' atrocious desire and the turbulent harmony of Artemis - sometimes veiled or erupting - rivals of the dogmatizing (i)morality that coats, irroga and represses the drive. For this, we will resort to psychoanalytic writings about eroticism, virginity, desire and, finally, religion.

KEYWORDS: Women's literature; Eroticism; Psychoanalysis; Religion.

1 INTRODUÇÃO

Platão, em sua obra *A República* (380 a.C), através de um diálogo entre Sócrates e Glauco, defende que mulheres e homens são dotados da mesma natureza da alma racional, que os habilita a exercerem os mesmos cargos dentro de uma cidade-estado, inclusive de chefia. A alma, na concepção platônica, é mais importante do que o corpo, logo, o filósofo não leva em conta o componente biológico. Tal pensamento é contrário ao que se pensava em Atenas, onde as mulheres não eram consideradas cidadãs. Contudo, o seu discípulo Aristóteles postula, em sua obra *Política*, que a mulher é uma versão incompleta do homem. O ser feminino gozaria apenas dos atributos necessários aos cuidados maternos, uma vez que as funções de seu corpo reduzir-se-iam à fertilidade e à reprodução. De acordo com a concepção aristotélica, a mulher se aproxima dos escravos, a única diferença é que possui um pouco mais de virtudes, mas não o suficiente para assumir cargos.

Durante a idade mediéfica, com a ascensão do cristianismo, a Igreja dominou a vida moral e espiritual dos indivíduos, especificando, inclusive, como deveriam ser os atos sexuais, nas esferas do permitido e do proibido. Os filósofos cristãos eram grandes adeptos à castidade e enxergavam o sexo como um mal necessário e, o ato sexual, assim, deveria restringir-se apenas à reprodução e não deveria ser usado para mero prazer. Diante de tudo isso, o papel da mulher sempre foi de subordinação e inferioridade, pois, de acordo com pensadores da Igreja, a figura feminina é filha e herdeira de Eva, fonte de onde originou o pecado e levou o homem ao pecado (RICHARDS, 1993).

No século XIX, indo contra os preceitos da época que relacionavam as mulheres histéricas a possessões demoníacas e, com efeito, opondo-se ao seu colega médico Charcot², Sigmund Freud (1856 - 1939) instiga as reminiscências das histéricas, como tratamento para a enfermidade que as afligia. Nas páginas dos *Estudos sobre a Histeria* (1895), tratando-se do caso da senhora Emmy von N., o pai da psicanálise registra a primeira “cura pela fala”. Com esse novo método, o mestre vienense não apenas almeja eliminar os sintomas, mas permitir a paciente conhecer os seus desejos reprimidos. Para tanto, Freud, através da associação livre, leva-a a recuperar recordações (BOROSA, 2005). Logo, o psicanalista oferece um *lugar de fala* para as mulheres, que até então estavam *silenciadas* pela sociedade patriarcal.

Na literatura não poderia ser diferente. Abre-se o espaço para a fala de mulheres - estas, até então, vistas de forma abjeta, presas a estigmas e rótulos degradantes. Nesse ínterim, a literatura erótico-pornográfica, em suas multifaces, retira o sexo da *alcova*³ - único ambiente socialmente tolerado -, da esfera da reclusão e da assepsia que se encontrara. O erotismo, na literatura de autoria feminina, quebra alguns tabus, transgride a palavra e aproxima o sujeito do objeto erótico, tão afastado dele pelas forças culturais. Discorrer sobre o sexo já é, por si só, algo proibido, então a escrita das mulheres se configura com uma das mais graves transgressões. Contudo, a escrita feminina erótica tem um valor social, uma vez que retira a mulher do campo da submissão e passividade e mostra, concomitantemente, os seus desejos e prazeres (BORGES, 2013).

Diante desse preâmbulo, direcionaremos o olhar a uma das mais célebres escritoras do modernismo brasileiro, Clarice Lispector (1920 - 1977). Apesar de

² Neurologista no Hospital da Salpêtrière de Paris. Desenvolveu estudos rumo à histeria, contudo Charcot declarou que a histeria envolvia um distúrbio no sistema nervoso, ao qual era enfraquecido por uma hereditariedade caprichosa. Esse distúrbio, por sua vez, era causado por um choque traumático. Assim, o pensamento charcotiano relacionava as histéricas a uma ocorrência física, diferentemente de Freud. Charcot, durante a sessão de hipnose, escutava o que as histéricas tinham a falar, porém não levava em consideração, reduzindo a fala das mulheres a meros sintomas.

³ *Filosofia na alcova* (1795) é um célebre livro do escritor libertino Marquês de Sade (1740 - 1814), o qual todo o enredo se passa dentro de uma alcova - uma espécie de quarto -, onde os personagens, além de filosofarem acerca dos desejos dos seres humanos, têm momentos de orgias, no intento da obtenção homogeneia do prazer. Porém, todos os atos sexuais são escondidos, abstrusos e confidenciais no ambiente simbólico da alcova.

os críticos a categorizarem como pertencente à Geração de 45, Clarice, com sua escrita fluida, esquarteja e dilui o enredo factual. Aclamada por seu cunho introspectivo, intimista e com fluxo de consciência, a obra lispectoriana nos traz personagens que navegam por ondas de (re)descobertas, com picos de epifanias, lutadores contra o eu e contra o outro. Portanto, perquiriremos, contudo, uma obra considerada “proibida” - pela própria autora -, trata-se d’A *Via Crucis do Corpo* (1974), especialmente o conto *Miss Algrave*.

Em linhas gerais, o conto *Miss Algrave* discorre sobre a personagem Ruth, também conhecida como Miss Algrave. Em decorrência de sua castidade, pureza e religiosidade, a protagonista se abstém dos prazeres carnis e/ou de qualquer influência que possa levá-la a “cair em tentação”, e, conseqüentemente, “pecar”. A personagem, mesmo tentando evitar os “dardos pecaminosos” existentes em carnes bovinas ou em ver seu próprio corpo nu, por exemplo, entrega-se aos prazeres. E, em um dia de sábado, a protagonista se sente solitária e, inesperadamente, ocorre uma invasão por sua janela. Tratava-se de uma entidade chamada Inxtlan. Após essa abrupta invasão, ambos têm relações sexuais e, ulteriormente, Miss Algrave retira a mordaça do seu sôfrego e se entrega aos prazeres “da carne”, tendo desejos voluptuosos por outros homens.

O narrador, no que lhe tange, lança vestígios que, à luz da psicanálise, são medulares para a compreensão dos constructos psíquicos de Miss Algrave, como as ocorrências da infância da personagem, exemplificando-as. Assim, o presente trabalho irá percorrer as veredas do erótico, do sagrado, da virgindade, da sexualidade e da feminilidade. Para tanto, recorreremos aos escritos clássicos, no que toca aos estudos do erotismo, como Georges Bataille (1897 - 1962) e às incursões psicanalíticas sobre a feminilidade e a sexualidade, velejadas por Sigmund Freud (1856 - 1939).

2 DAS FANTASIAS INFANTIS ÀS BRINCADEIRAS DE UM ADULTO

O clímax do conto é o coito avassalador e transcendental entre Miss Algrave e um ser indeterminado, uma entidade ou um elemento da natureza nomeado de Ixtlan. A abstinência da mulher santa é esquartejada após o intercuro com um Ser e, a partir de então, ocorre uma mudança nas formas

comportamentais da personagem, como uma aversão à castidade e apego à libertinagem. Porém, o narrador não esclarece ao leitor quem é essa criatura que atravessa a janela do quarto, desarraiga a virgindade e a deixa sedenta por mais prazeres. Posto essa incógnita na narração e esgarçando esse fenômeno, alguns gérmenes (in)conscientes, provavelmente, deram origem a essa criatura - levando em consideração o pensamento freudiano de que a vida psíquica dos adultos tem origem na infância, “a criança é o pai do homem”.

No início do conto, o narrador traz reminiscências da infância da heroína clariceana: “quando era pequena, com uns sete anos de idade, brincava de marido e mulher com o seu primo Jack, na cama da vovó. E ambos faziam tudo para ter filhinhos sem conseguir. Nunca mais vira Jack nem queria vê-lo” (LISPECTOR, 1998, p. 13). Dito isso, Freud discorre que essas “inocentes” brincadeiras de crianças⁴ são processos que arquetam a captação do que é real e que os jogos infantis se enquadram como uma atividade sexual primeva. Essas ideias são retomadas por Freud em *O poeta e o fantasiar* (1908). Interseccionando a criança com o poeta, o psicanalista de Viena afirma que o brincar infantil, assim como a atividade de fazer poemas, introduz os elementos do mundo em uma nova organização criativa, dardejando a obtenção de prazer.

O mestre vienense ainda postula, nesse breve artigo, que a capacidade de brincar não fica restrita à tenra infância, mas pode ser revivida pelo adulto como um método para suportar o *mal-estar na civilização*⁵. É sabido, portanto, que ocorre um abandono dos brinquedos, todavia o ato de brincar nunca é abandonado, pois este, por sua vez, vale-se de novas vestes e se utiliza de novos instrumentos. Nesse corolário, o que ocorre com a personagem lispectoriana, ao brincar de marido e mulher em sua infância, enquadra-se com o que Freud disserta sobre o desejo das crianças de serem adultas: “A infância não é propriamente o paraíso que os adultos costumam achar que é. A criança sente

⁴ Um dos célebres livros erótico-pornográficos é *A história do Olho* (1928), de Georges Bataille, o qual relata a história de dois adolescentes que, através de suas brincadeiras “infantis” se aventuram em relações sexuais inusitadas: ovo, urina, leite, testículos de touro, etc.

⁵ O sofrimento é causado: pelo próprio corpo, que é fadado ao declínio e a degradação; pelo mundo externo, de onde provém forças avassaladoras e algozes; e pelas relações e convenções com outros seres humanos (FREUD, 2011 [1929], p. 20).

o desejo de crescer, pois quer fazer o que os adultos fazem, e isso reflete no brincar de diversas formas” (FERREIRA, 2018, p. 167).

Remontando à brincadeira da protagonista com o seu primo, ocorre a repercussão desse ato na vida adulta de Miss Algrave. Destarte, consoante Freud, o recalcado - vivido na infância, por exemplo - não desaparece da memória. Esse conteúdo, conquanto não possa ter acesso direto à consciência, em decorrência de normas e interditos impostos pela cultura e pelo Supereu, irrompe-se por vias tortuosas, forjadas pela linguagem. Visto isso, o retorno do recalcado para a consciência ocorre quando algum elemento externo o excita - mesmo que de forma inconsciente. A fantasia se vale do retorno do recalcado para se expressar:

Ao relacionar fantasias com os recalques, Freud explica que as primeiras são precursoras dos delírios. Em sua origem e natureza, as fantasias são substitutos e rebentos de lembranças recalçadas que não conseguiram atingir a consciência de forma inalterada devido a uma resistência, mas que são passíveis de se tornar consciente ao se levar em consideração, por meio de alterações e desfigurações, a censura da resistência. (Ibdem, 2018, p. 89).

Por essa ótica das fantasias, tendo em vista que nada no psiquismo humano é destruído⁶ e que o narrador do conto relata a cena de uma brincadeira infantil da protagonista, pode-se, com isso, fazer uma ligação com o sonho de sua vida adulta. O sonho, de acordo com o mestre vienense, tem a missão de descarregar a pressão imposta pelo inconsciente, o que só é possível devido à redução do estado de vigília da consciência, permitindo o atravessamento do material que, até então, estava abscôndito. Nesse ponto de vista, o sonho do adulto, por sua vez, é produto do desejo consciente ou pré-consciente, porém, estes, foram fomentados por desejos inconscientes da tenra infância que foram recalcados (FERREIRA, 2018).

Ainda no viés pueril da protagonista, a Miss Algrave nasceu em um lar moralista, que seguia os preceitos sociais culturalmente impostos, sendo, inclusive, adepto a correntes judaico-cristãos: “Seu pai fora pastor protestante

⁶ Na psicanálise freudiana, há uma afirmação de que desejo infantil é indestrutível e permanece intacto no inconsciente. Freud, inclusive, compara isso à cidade de Roma, que, apesar de ter passado por várias modificações em sua arquitetura, as construções mais primevas e arcades se encontram ainda - nem que sejam soterradas - naquele ambiente. (FREUD, 1929)

e a mãe ainda morava em Dublin com o filho casado” (LISPECTOR, 1998, p. 14). Isto posto, há vicissitudes na vida adulta quando uma criança advém de um lar onde era presente contos míticos ensinados em um lar religioso, como o da protagonista, e, bem como, suas vicissitudes na vida adulta de um indivíduo. Assim, o pai da psicanálise disserta que a vida psíquica é coagida pelos símbolos das tradições e por isso também se apresenta de forma inconsciente nos sonhos⁷. E a origem de tais tradições é proveniente de contos, lendas, músicas, filmes e outros frutos culturais, que são internalizados de forma inconsciente pela criança. Na obra em questão, a contística que influencia, através de seus símbolos, é a religiosa, posto que a família era protestante. Logo, as consequências da internalização de tais preceitos ficam marcados em Miss Algrave, através da sua castidade, resultado do interdito do seu pai⁸ - figura castradora por excelência, a qual elabora o Supereu.

Nesse mesmo âmbito, as sequelas deixadas na protagonista por ter vivido em uma família imersa em um engodo religioso relaciona-se com aparecimento dessa figura ilógica no conto. Na psicanálise freudiana, seres humanos muito pressionados por pulsões avassaladoras - todavia, interditadas -, fazem com o que racional seja capaz de aceitar ideias ilógicas e pensamentos absurdos mesmo que pareçam fora da realidade. Dessa maneira, acreditar na existência de fantasmas, almas e espíritos - presentes nas religiões -, afetam o psiquismo do infante, onde este se encontra em uma dicotomia entre a racionalidade e a religião. Embora tais fantasias sejam substanciais na infância, pessoas que viveram fortes influências religiosas quando crianças, não difícil, retornam a

⁷ Segundo Freud, em seu livro *A interpretação dos sonhos* (1900), o sonho é a via régia do inconsciente, tratando-se de desejos recalçados, devido às imposições culturais. Logo, o sonho para a psicanálise é uma válvula por onde saem os desejos - até julgados como proibidos - mais árcades do psiquismo humano.

⁸ O mestre vienense da psicanálise, em seus escritos sobre o complexo de Édipo (1913), introduz a noção de que no passado havia uma horda primitiva. Nesta, existia um pai soberano e possuidor das mulheres, contudo os seus filhos tenham desejos de ter relação sexual com essas mulheres. O pai, por sua vez, impede a concretização dessa lubricidade dos filhos e os castra simbolicamente. Portanto, os tabus do incesto e a castração metafórica do filho feita pelo pai na sociedade hodierna são frutos desse mito primevo, o qual ficou recalçado no inconsciente. Em linhas gerais, a instância psíquica denominada Supereu - que nos impede e refreia os desejos -, teria sua origem a partir do declínio do complexo edipiano (1924).

crer na existência desses fantasmas de forma consciente na vida adulta (FERREIRA, 2018).

Contudo, a religião, em especial a judaico-cristã, coloca o erotismo e o ato sexual como pecaminosos, sendo visto como um mal necessário para a procriação. Na sociedade hodierna, todavia, ocorreu a invasão do polo público no privado, delimitando o território do ato sexual e dividindo o que é considerado “saudável” ou não no momento do sexo. O prazer, todavia, encontra-se no transgredir e no transpor as barreiras colocadas pela cultura (BORGES, 2013). O significado de *violar* e *transgredir* o proibido confere valor ao desejo, a exemplo de Adão e Eva que comem o fruto proibido, no Éden (BATAILLE, 2012). Logo, o erotismo é esse engodo esse infracional dos interditos, postos pela moral, cultura e religião.

3 QUANDO O COITO ESQUARTEJA O INTERDITO

Analisando mais especificamente o momento do coito humano-divino entre a Miss e Ixtlan, há uma presença de um erotismo sagrado e de uma sacralidade erótica. Enquanto Miss Algrave estava deitada, Ixtran invade o seu quarto: “- Quem é? E a resposta veio em forma de vento: - Quem é você? perguntou trêmula. - Vim de Saturno para amar você” (LISPECTOR, 1998, p. 16). Sobre a escolha lexical nesse diálogo, acerca do planeta natal de Ixtlan, Saturno - a escritora (in)conscientemente pode ter tentado remeter ao deus romano Saturno - fruto das relações sexuais entre Gaia e Urano, o contato entre Terra e Céu, respectivamente. (BRANDÃO, 1986)

Vê-se, dessarte, o caldeamento entre o divino e o humano. E, a respeito dessa presença do sacro durante o ato sexual, Georges Bataille (1987) postula que, mesmo havendo o interdito no mundo cristão, a transgressão trouxe à luz o que o cristianismo encobriu: sagrado e profano, erotismo e o sacralidade se misturam. Tal interdito, posto pela religião, na verdade, atiça a chama da volúpia: “O proibido arrasta à transgressão sem a qual não teria havido no ato a má luz que nos fascina...O que enfeitiça é a transgressão do proibido” (BATAILLE, 2012 [1961], p. 26 - 27). Assim, essa característica de violação

permite o avolumar do prazer, uma vez que a protagonista estava sedenta por aqui.

Miss Algrave, apesar da falha tentativa de manter a castidade, entrega-se aos prazeres carnis, e este é um fim inevitável para todos os indivíduos, inclusive aqueles semelhantes à protagonista - como freiras e monges. Estes, mesmo tentando manter a castidade e se abstendo de coisas consideradas pecaminosas, no ato sexual, entregam-se (in)voluntariamente ao desejo através de contínuas imagens lúbricas que aparecem nos sonhos e em suas poluições noturnas (PAZ, 1993). Nessa corrente, a personagem lispectoriana, como uma boa devota que é, após o coito avassalador, mostra-se contrita, submissa e escrava daquele amado (des)conhecido e divino: “Ela pensava: aceitai-me! Ou então: Eu me vos oferto.” (LISPECTOR, 1998, p. 17). Percebe-se, por consequência, a protagonista, como boa devota que é, coloca-se à disposição dessa entidade desconhecida, que a libertou da algema dos interditos e se oferta como um ato sacrificial no altar dessa “deidade”. À vista disso, há uma semelhança entre o ato sexual e o sacrifício, pois ambos revelam a carne: “O sacrifício substitui a convulsão erótica: ela libera os órgãos pletóricos num jogo cego que suplanta a vontade ponderada dos amantes” (BATAILLE, 1987, p. 61).

Ainda nesse corolário, após uma noite frenética de amor, Ixtlan abandona a amada na cama - assim como Eros⁹: “Começou a chorar baixinho. Parecia um triste violino sem arco. A prova de que tudo isso acontecera mesmo era o lençol manchado de sangue. Guardou-o sem lavá-lo e poderia mostra-lo a quem não acreditasse nela” (LISPECTOR, 1998, p. 18). Contudo, consoante Alberoni (1986), a maioria das mulheres sentem necessidade de serem abraçadas e, concomitantemente, terem o corpo do objeto amado colado ao seu, após o ato sexual. Por outro lado, a respeito da representatividade desse rompimento do hímen e, conseqüentemente, o escoamento de *sangue*, é

⁹ Na narrativa mitológica grega, Eros leva Psiquê para o seu reino, contudo a princesa fica enclausurada no palácio e o seu amado vem apenas durante a noite para ter relações com ela, deixando-a com mais vontade de ter mais relações com o deus, durante o dia, inclusive. (BRANDÃO, 1987)

importante delimitar o seu simbolismo na religião e no ato sexual, assim, trazendo-o como uma consequência do sacrifício erótico-religioso:

O amante não desintegra menos a mulher amada que o sacrificador ao sangrar o homem ou o animal imolado. A mulher nas mãos daquele que a ataca é despossuída de seu ser. Ela perde, com seu pudor esta firme barreira que separando-a do outro, tornava-a impenetrável: ela se abre bruscamente à violência do jogo sexual deflagrado nos órgãos da reprodução, à violência da reprodução, à violência que, vinda de fora, a ultrapassa (BATAILLE, 1987, p. 60)

No que tange ao corpo feminino, assim como o homem, há uma região genital externa dotada de um tecido erétil e, durante momentos de excitação, a ereção do tecido feminino é seguido por uma secreção que molha múltiplas partes da vulva. Tal fluido, ao ser liberado, significa que se chegou ao ápice da tumescência e atinge, assim, sensações voluptuosas. Porém, quando a mulher é virgem, surge o “problema do hímen”, pois, seu rompimento no primeiro ato sexual, é capaz de causar dor e mal-estar na mulher (ELLIS, 1971), contudo, possivelmente, Miss Algrave não sentiu essa sensação desagradável, pois ela continuava com mais desejos.

359

Esgarçando outro viés do conto, o pai da psicanálise, em seus escritos sobre a feminilidade, traz-nos que, no sexo feminino, também ocorre o complexo edipiano, um Supereu - ulterior - e uma fase de latência. Na dinâmica edípica, a menina percebe, ao comparar o seu órgão genital com o do irmão, por exemplo, que ficou pequeno. Posteriormente, a menina explica essa mesma falta do falo pela ideia de que já o teve, mas foi castrado (FREUD, 1924). Assim, plasmado na noção psicanalítica de complexo da castração, a menina, por não ter pênis, culpabiliza a mãe:

O complexo da castração da menina também se inicia com a visão do outro genital. Ela imediatamente percebe a diferença e - é preciso admiti-lo - também sua importância. Ela se sente gravemente prejudicada e muitas vezes declara que gostaria de “ter também algo assim”, e cai vítima da *inveja do pênis* [*Penisneid*] [...] e mesmo em épocas em que o saber sobre a realidade rejeitou há muito tempo a realização desse desejo por ser inalcançável a análise pode demonstrar que ele se conservou no inconsciente e preservou um considerável investimento de energia. (FREUD, 2019 [1933], p. 329)

Essa preservação enérgica do desejo de ter o pênis na menina, futuramente se expressa com a *viragem*¹⁰ para o pai, buscando nele o que a mãe negou. Todavia, a obtenção do falo só é possível completamente na vida adulta quando a mulher substitui o desejo do pênis, pelo desejo de ter um filho¹¹, este, portanto, assume o lugar do falo - em uma equivalência simbólica (FREUD, 2019 [1933]). Em análise da cena pós-cópula, isso ocorre após o coito no conto, no momento em que tanto a figura masculina quanto a feminina estão submersas em um efeito relaxante e com suas tensões diluídas. Miss Algrave questiona Ixtlan sobre uma possível gravidez: “- vou esperar um bebê? - Não” (LISPECTOR, 1998, p. 17). Essa fala da personagem retoma um dos primeiros acontecimentos do conto: a brincadeira infantil com o primo e a tentativa de ter *filhinhos*, porém sem sucesso. Essa abnegação do falo para a protagonista fez com que nela não ocorresse o seu *declínio do complexo de Édipo* (FREUD, 1924).

Nas últimas linhas do conto, mostra que o ato sexual primevo com Ixtlan a libertou dos interditos, tornando-se uma prostituta: “la ficar mesmo nas ruas e levar homens para o quarto. Como era boa de cama, pagar-lhe-iam muito bem” (LISPECTOR, 1998, p. 20) Apesar disso, ainda tinham esperança do retorno do seu amado, o ser que tirou suas amarras da “pureza” junto com sua virgindade, porém ela tinha um cuidado, pois queria se manter pura e virgem novamente para tal retorno: “E quando chegasse a lua cheia - tomaria um banho purificador de todos os homens para estar pronta para o festim com Ixtlan” (Ibidem, p. 20). Essa tentativa de se mostrar pura ao “marido” remonta uma composição patriarcalista, onde a mulher santa é a virgem, então, a personagem utiliza essas águas purificadoras do poço de Hera¹², para, inconscientemente, tornar-se pura novamente e religar o seu hímen.

¹⁰ No complexo edipiano feminino, a menina, assim como o menino, dardeja seus primeiros desejos amorosos para a mãe, todavia ela recrimina a mãe por ter dado pouco leite e por não ter dado o falo, por exemplo. Ocorrendo, em consequência, a variação para a figura paterna (FREUD, 2019 [1933])

¹¹ Esse acontecimento explica o fato de muitas meninas brincarem, em sua tenra infância, de mamãe. Seriam as preliminares da concretização do desejo em sua vida adulta, a brincadeira como uma atividade compensatória.

¹² Na mitologia grega, Hera, a deusa do casamento, após ter relação com o seu marido Zeus, banhava-se em um poço com águas que restabeleciam a sua virgindade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra *Via Crucis do Corpo* (1964), de Clarice Lispector, é essencialmente um culto ao erotismo, à religiosidade, bem como à feminilidade. Essa tríade compõe a arcádia psíquica com traços mnêmicos conflituosos da terra infância, dissolução comprometida do complexo edípico, histeria, lapsos de memória, etc., resultando em personagens subversivos para a sociedade (i)moralista de sua época, por tratar de assuntos abstrusos, como: travestilidade, adultério, orgias, homossexualidade, poligamia, zoofilia, entre outros.

No primeiro capítulo do livro, Clarice já traz para os leitores uma *Explicação* sobre uma mudança repentina em seu cunho. Nesse momento explicativo, a autora já antecipa que os leitores se enveredarão por temas espinhosos, nos quais o corpo e a sexualidade serão tratados de forma cruenta. Essa atitude de Lispector mostra um certo pudor, pois ela é levada a justificar seus textos eróticos (BORGES, 2018), mas ela fala que, na verdade, é o “dia do lixo”. Mas ela promete que, caso os seus leitores não gostem, escreveria um outro livro.

No conto *Miss Algrave*, é possível acompanhar a trajetória de uma mulher, partindo da época infantil - suas brincadeiras, jogos eróticos - e, por consequência, as desenlaces na vida adulta da personagem, podendo ser usado, inclusive, como um dos motivos do aparecimento (in)consciente da figura fantasmagórica, Ixtlan. Dessa forma, recorrendo à palavra psicanalítica, esquadrimos a protagonista clariceana e delimitamos as representações simbólicas imersas durante o coito arrebatador com o Ixtlan, afirmando que se trata de uma representação psíquica. Esta, ascende em forma de fantasias e/ou sonhos como meio de realização de um desejo pueril soterrado, porém, no inconsciente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERONI, Francesco. *O erotismo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

ARISTÓTELES. *Política*. 3. ed. Brasília: UnB, 1997.

BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso* [1977]. Tradução de Hortênsia dos Santos. Rio de Janeiro: F. Alves, 1981.

BATAILLE, Georges. *O erotismo* [1957]. Tradução de Antônio Carlos Viana. 1. ed. São Paulo: L&PM, 1987.

_____. *As lágrimas de eros*. [1961]. Lisboa: Sistema solar, 2012.

_____. *A história do olho* [1928]. Tradução Eliane Robert Moraes. 1. ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

BORGES, Luciana. *O erotismo como ruptura na ficção de autoria feminina*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2013.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 1987

BOROSA, Julia. *Conceitos da psicanálise: histeria*. São Paulo: Segmento-Dueto, 2005.

COSTA, Ana. *Sonhos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

ELLIS, Havelock. *Psicologia do sexo*. Tradução de Dr. Pedro Pôrto Carreiro Ramires. Barcelona: Editora Bruguera, 1971.

FERREIRA, Carlos Alberto de Matos. *Freud e a fantasia: os filtros do desejo*. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos* [1900]. Tradução de Paulo César de Souza. 1. ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2019.

_____. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos* [1901 - 1905]. Tradução de Paulo César de Souza. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

_____. *O poeta e o fantasiar* [1908]. *Arte, literatura e os artistas*. Tradução Ernani Chaves. 1. ed. Belo Horizonte, 2015.

_____. *O tabu da virgindade* [1918]. *Amor, Sexualidade e feminilidade*. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica 2019. p. 155 - 178.

_____. O declínio do complexo de Édipo [1924]. *Amor, Sexualidade e feminilidade*. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica 2019. p. 247 - 258.

_____. *O mal-estar na civilização* [1929]. São Paulo: Penguin, 2020.

_____. Sobre a sexualidade feminina [1931]. *Amor, Sexualidade e feminilidade*. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 285 - 311.

_____. A feminilidade [1933]. *Amor, Sexualidade e feminilidade*. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica 2019. p. 313 - 345.

LISPECTOR, Clarice. *A via crucis do corpo* [1974]. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

PAZ, Octavio. *A dupla chama amor e erotismo* [1993]. Tradução de Wladyr Dupont. 1. ed. São Paulo: Siciliano, 1994.

PLATÃO. *República*. Tradução Maria Helena da Rocha Pereira. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbbenkian, 2001.

RICHARDS, Jeffrey. *Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média*. Tradução de Marco Antônio Esteves da Rocha e Renato Aguiar. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

SADE, Marquês. *Filosofia na Alcova* [1795]. 1. ed. São Paulo: Iluminuras, 2000.

Recebido em: 11/2020
Aprovado em: 01/2021

